

MANOEL D'ALMEIDA

O MILAGRE DO AMOR



MANOEL D'ALMEIDA FILHO

2117
cv. 8

O MILAGRE DO AMOR

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional



RUA VISCONDE DE PARNAÍBA, 3042 a 3050

FONE: 92-7613 — SÃO PAULO-6

Inscrição C. G. C. N.º 60.856.994

O MILAGRE DO AMOR



Há dramas em nosso mundo
Que nos deixam sem ação,
Para um julgamento certo
Que haja convicção,
Inda que o culpado seja
Um assassino ou ladrão.

Isso porque já não temos
Esse poder outorgado
De julgar quem quer que seja.
Estando certo ou errado,
Sòmente Deus é quem pode
Julgar um indiciado.

Porque vemos muitas vèzes
Um homicida ou ladrão
Passar duros sofrimentos
E, com resignação,
Depois de anos, tornar-se
Um verdadeiro cristão...

Outro às vèzes um peccato,
Todo o mundo o considera,
Vive uma vida feliz,
Mas, quando ninguém espera,
Cai num abismo e se torna
Uma verdadeira fera.

Por essas e outras, vamos
Contar para o bom leitor
Um drama de sofrimento,
Ódio, luta e dissabor,
Aonde um rapaz foi salvo
Pelo milagre do amor.

Umbelina dos Prazeres
Era uma pobre mendiga
Que vivia só no mundo
Sem ouvir a voz amiga
Duma pessoa que desse
Alívio à sua fadiga.

Porque a pobre Umbelina
Morava numa choupana
Desmantelada, caíndo,
Numa vida desumana,
Pedia de porta em porta
Sete dias na semana.

Pois bem, foi nesse casebre
Que um menino apareceu,
Alvo, bonito e nutrido,
Ninguém sabe onde nasceu,
Quem trouxe de madrugada
Deixou na porta e correu.

Pela manhã, Umbelina
Ouviu da criança o choro,
Foi olhar e quando viu,
Pensou achar um tesouro,
Teve uma alegria como
Quem acha um saco de ouro.

Com o menino nos braços,
Umbelina sem tardança,
Mostrando o recém-nascido,
Correu tôda a vizinhança,
Muitas pessoas pediram
Para adotar a criança.



Mas a mendiga dizia:
 ... Um milagre aconteceu,
 Como nunca tive um filho,
 Jesus agora me deu
 Este sublime presente,
 Quem vai criá-lo sou eu!...

Embora com muita pena,
 Os vizinhos concordaram,
 Porém sabendo a pobreza
 Da mendiga auxiliaram
 Com coisas para a criança
 E o mocambo consertaram.

Festiva como um palácio
 Tornou-se a pobre choupana,
 Ficou cheia de presentes
 E, durante uma semana,
 Umbelina recebeu
 Parabéns da gente humana.

A mendiga convidou
Um seu vizinho casado,
Para que com a espôsa
Fizessem o batizado,
Na igrejinha da vila
Batizou-se o enjeitado.

O padrinho, um carroceiro
Chamado Pedro Quintino,
Botou no seu afilhado
O nome de Celestino,
Pensando o nome atrair
A protecção do Divino.

A mulher do carroceiro,
A madrinha do enjeitado,
Ficou muito satisfeita
Com o seu nôvo afilhado.
Até mesmo entre os três filhos,
Ele era o mais estimado.

Querido da vizinhança,
Celestino ia crescendo,
Com um ano andava tudo,
Bonito que só se vendo,
Porque o que lhe faltava
O povo vinha trazendo.

Mesmo porque a mendiga
Só pensava em Celestino,
Não pedia mais esmolas,
Para tratar do menino,
Tudo lhe chegava às mãos,
Como bênção do destino.

Os vizinhos ajudavam
Para que nada faltasse
Ao Celestino enjeitado
E a velha não mendigasse,
Isso tudo para que
O menino não chorasse.

Porém quando Celestino
Os seis anos completou,
O destino armou um laço
E ao enfeitado laçou,
A estrada dolorosa...
Foi aí que começou...

Pois Umbelina, a mendiga,
Nesse tempo adoceceu,
Tomou diversos remédios
Porém nenhum lhe valcu,
Entre lamentos e choros
Da vizinhança, morreu.

Foi Celestino levado
Para a casa do padrinho,
Onde mudou de repente
Como d'água para o vinho,
Porque lá ninguém lhe dava
O necessário carinho.

Em vista disso, tornou-se
Mau humorado e brigão,
Com os filhos do padrinho,
Dava murro e beliscão,
Na hora que se zangava,
A ninguém dava atenção.

Isso porque os meninos
Odiaram o enfeitado,
Que do dia para a noite
Foi por todos desprezado,
Viu-se dentro de um inferno,
Cada vez mais revoltado.

Até mesmo a vizinhança
Assistia àquela cena,
Sem dar um voto a favor,
Como quem não tinha pena,
Pois quando a sorte despreza
O mundo todo condena.

Mesmo assim foi à escola,
Aprender o abecedário,
Aonde foi perseguido,
Tudo lhe era contrário,
Conseguiu com sacrifício
Fazer o curso primário.

Celestino parecia
Ter um destino mesquinho,
Em vez da felicidade,
Só lhe vinha o mau caminho,
Pois quando não esperava
Lá morreu o seu padrinho.

O pobre do carroceiro,
Num minuto liquidou-se,
Um caminhão esmagou-o,
A sua vida acabou-se,
Com carroça, burro e tudo,
Nem a carga aproveitou-se.

A mulher do carroceiro,
Sabendo o que aconteceu,
Saiu de casa correndo,
Como quem enlouqueceu,
Caiu na frente de um carro,
Atropelada morreu.

Com a morte dos padrinhos,
Celestino foi "marcado"
Pelos meninos da casa,
De porta afora jogado,
Pôsto na rua outra vez,
Novamente abandonado.

Não houve na vizinhança
Quem amparasse o menino,
Porque havia um mistério
Na vida de Celestino,
Escrito com mão de ferro,
No livro do seu destino.

Assim fugiu Celestino
Do meio dos seus rivais,
Com doze anos sòmente,
Atirado aos vendavais,
Foi cair numa quadrilha
De pivetes marginais.

A quadrilha era treinada
Por um ladrão aleijado
Que não se lembrava mais
Quantas vèzes tinha entrado
Na prisão e quantas surras
No lombo havia levado.

Assim aquêles pivetes
Recebiam a instrução
Do famoso "mão de sêda",
Aquêle velho ladrão,
A quem chamavam de "pai",
Fazendo a tapiação.

Cada um era treinado
Numa "especialidade"
De roubo para que não
Caísse em "facilidade",
Depois de passar a "pronto",
"Agia" à sua vontade.

Depois dos diversos testes,
Lances de tôda a maneira,
"Ôlho vivo", "rapidez",
"Sangue frio", "mão maneira",
Celestino foi formado
Em batedor de carteira.

Quando um daqueles pivetes
Caía na "ratoeira",
"Mão de sêda", como "pai",
Com a maior choradeira,
Chegava à delegacia
Dizendo dessa maneira:

— Meu filho nunca fêz isso,
Só mesmo se foi forçado
Pela fome, como vê,
Eu sou um pobre aleijado,
Que nada posso fazer,
'Tenha pena, delegado'...

Pelo chôro, "mão de sêda"
Não era reconhecido,
Sempre, sempre o delegado
Pelo velho era envolvido,
Penalizado cedia,
E o ladrão era atendido.

Até que um certo dia,
Acabou-se a "maravilha",
Um "tira" cara-de-pau,
Não caiu nessa armadilha,
Prendeu "pai" com "filho" e
[tudo,

Desbaratou a quadrilha,
Foi até ao esconderijo,
Com "pai" e "filho" na frente,
Lá prendeu os que encontrou,
Não ficou um "inocente",
Só escapou da cadeia
Quem na hora estava ausente.

Celestino ia chegando
Quando viu o aleijado,
Já na frente da polícia,
Levando tapa, algemado,
Escondeu-se numa esquina
E não foi observado.

Pensou consigo: ninguém
Com a polícia compete,
Minha cara nunca foi
Caixa de guardar bofete,
Nem meu lombo pode ser
Descanso de cassetete.

Só com a roupa do couro,
Dali mesmo foi embora,
Quebrou bêco, virou rua,
Em menos de meia hora,
Driblou a polícia tôda,
Deixou tudo e caiu fora.

Celestino nesse tempo,
Estava homem formado,
Já com seus dezoito anos,
Macio, fino, educado,
Alto, elegante, bonito,
Pelas môças disputado.

Continuou sua vida,
De batedor de carteira,
Andou em várias cidades,
Vivendo à sua maneira,
Cada vez se aproximando
Da bôca da "ratoeira".



Chegava numa cidade,
Iam logo "investigá-lo",
Eram dezenas de m^oças
Que buscavam namorá-lo,
Em todo canto êle via
Uma jovem a "vigiá-lo".

Já não podia roubar
Tendo as mulheres mais belas
No encaço a "persegui-lo",
Não podendo fugir delas,
Caiu no "liseu", passando
A odiar tôdas elas.

Até que chegou Natal,
Em vista da "quebradeira",
Celestino disse: hoje,
Tenho, de qualquer maneira,
Para pagar as despesas,
De bater uma carteira.

Percorreu à festa tôda,
Não teye uma ocasião,
Com as m^oças no encaço,
Na maior perseguição,
Até que chegou à missa,
Na hora da oração.

Celestino entrou no templo
Consigo mesmo pensando:
Quando começar a missa,
Com o padre celebrando,
Vou "aproveitar" enquanto
O povo estiver rezando.

Assim pensou, porém quando
Foi entrando percebeu
Uma jovem lhe fitando,
Todo o seu corpo tremeu,
Como que a luz de uma vela
No seu peito se acendeu...

A môça cravou-lhe os olhos
Com aparência de louca,
O rapaz quis reagir
Porém a força foi pouca,
Seu coração dava pulos
Quase a sair pela boca.

Celestino se sentiu
Como que hipnotizado,
Pelo ópio do amor,
Totalmente envenenado,
Daí em diante seria
Um ladrão apaixonado.

Nervoso, descontrolado,
Sentindo uma tremedeira,
Tentando fugir da môça,
Sem atinar a maneira
Como encontrar um "otário"
E bater uma carteira...

Porém como precisava
Arranjar qualquer dinheiro,
Dirigiu-se para a porta,
Andando muito ligeiro,
Na passagem pôs a mão
No bolso de um fazendeiro.

Vendo aquêles movimentos,
Já lhe prestavam atenção,
Várias pessoas que viram
Aquele rápida mão
Quando puxava a carteira,
Gritaram: — Pega o ladrão!

A môça também olhava,
Viu tudo que aconteceu,
O povo movimentou-se,
Celéstino não correu,
Com a carteira na mão
O delegado o prendeu.

Levado à delegacia,
Foi metido no xadrez,
Celestino lamentava
Pela besteira que fêz...
Que se viu atrás das grades,
Foi essa a primeira vez.

Não tinha um só documento,
Corrida a sua bagagem
Nada havia de valor,
Na maleta de viagem,
Apenas roupas de uso,
Um jornal e uma passagem.

Porém pegado em flagrante,
Já não tinha salvação,
A policia estava certa
Que o rapaz era ladrão
E, debaixo de "conselhos",
Arrancava a confissão.

Enquanto isso acontecia,
Aquela môça bonita
Que viu o rapaz no tampo,
Era chamada Rosita,
Para soltar Celestino,
Preparava uma visita.

Rosita que era filha
Do prefeito da cidade
Fêz um pedido a seu pai,
Num gesto de piedade,
Apesar do interêsse,
Não escondeu a verdade.

Dizendo: — Papai, por Deus,
Tenha dêle compaixão,
Também, por necessidade,
Dimas tornou-se ladrão
Porém Jesus perdoou-o
E lhe deu a salvação.



Na cruz, êle arrependeu-se,
Disse lembrando o Juízo:
— Senhor, lembra-te de mim",
Jesus falou num sorriso:
— "Tu, hoje mesmo entrarás
Comigo no Paraíso.

Porém o prefeito disse:
— Minha filha, o que é isso?
Por que vem a mim fazer
Um pedido nunca visto?
Nem êsse ladrão é Dimas
E nem eu sou Jesus Cristo!

Rosita disse: — Meu pai,
Ouça a voz do coração,
Todos nós somos humanos
Sujeitos à perdição,
Não há crime para Deus
Que não mereça o perdão.

Todos somos peccadores,
Dignos de piedade,
Aquêlê rapaz precisa
De perdão e caridade,
Quero só a sua ordem
Para pô-lo em liberdade.

O velho disse: — Rosita,
Se isso lhe satisfaz,
Vá lá, diga ao delegado,
Para soltar o rapaz,
Você está de maior
Deve saber o que faz.

Rosita saiu correndo,
Quando chegou na prisão,
Celestino já estava
Na hora da "confissão",
Pronto para receber
Seis bolos em cada mão.

A môça chegou gritando:
— Não quero que toquem nêle,
Deu o recado do pai,
Aproximou-se mais dêle,
Disse: — Saia todo mundo,
Quero conversar com êle.

Causou estupefação,
Ninguém pôde se mexer,
O delegado surpreso
Nada podia fazer,
Era uma ordem do chefe,
Tinha que lhe obedecer.

Apenas disse: — Pois não,
Você manda, senhorita,
Saiu chamando os soldados;
Celestino olhou Rosita,
Pensou consigo: o que quer
Essa môça tão bonita?

A môça também olhou-o,
Mediu-o, perfeitamente,
Da cabeça até os pés,
Sentiu-se como docente,
A beleza do rapaz
Ofuscava a sua mente.

Fitando para Rosita,
Celestino não falava,
A môça da mesma forma,
A garganta lhe engrossava,
Fazia fôrça porém
O som da voz não passava.

Só num esforço inaudito,
Ela pôde perguntar:
— Por que não deixa essa vida?
Por que não vai trabalhar?
Por que, responda, por que,
Você vive de roubar?

Celestino disse: — Môça,
É porque não tive pais,
Fui empurrado na lama,
No charco dos marginais,
Aprendi bater carteira,
Não sei fazer nada mais.

Ao nascer fui enjeitado
Na porta de uma velhinha
Que me deu, enquanto viva,
Tudo que na vida tinha
Porém morreu me deixando
Entregue à sorte mesquinha.

Ficando só fui levado
À casa de meus padrinhos,
Lá recebi pontá-pés,
Tapas, em vez de carinhos,
Humilhações, improperios,
Até mesmo dos vizinhos.

Assim mesmo consegui,
 Com o maior sacrifício,
 Fazer o curso primário
 Que não me fêz benefício,
 Pois o destino jogou-me
 Na bôca do precipício.

Nesse tempo eu completava
 Meus doze anos contados,
 Num só dia, meus padrinhos
 Faleceram atropelados,
 Fiquei novamente só...
 Sem carinhos, sem cuidados.

Os filhos de meus padrinhos,
 Tinham a natureza crua,
 Não me quiseram com êles,
 Fiquei dormindo na rua
 Tendo por cama as calçadas
 E por cobertor a lua.

Pedia de porta em porta,
 Ninguém me dava agasalho,
 Implorava a todo o mundo,
 Ninguém me arranjava um "galho",
 Pequeno, morrendo de fome,
 Sem encontrar um trabalho.

Já caído numa vala
 Surgiu um velho aleijado
 Suspendeu-me, deu-me um pão,
 Lamentando o meu estado,
 Dizendo: — Venha comigo
 Que você está empregado.

Dessa forma, pela fome,
 Fui cair numa quadrilha,
 Éramos nove meninos
 Aprendendo aquela "trilha",
 Tudo de barriga cheia,
 Era uma maravilha...

Cada um era instruído
A roubar de u'a maneira,
Para não cair em "cana",
Praticava a vida inteira,
Fui especializado
Só para bater carteira.

Eis aí porque me acho
Completamente perdido,
Não sei fazer outra coisa,
Pelo que fui instruído,
Vivo sem ter um descanso,
Dia e noite perseguido.

Rosita disse: — Pois bem,
É falso o que você diz,
Você tem tudo na vida
Para vencer, ser feliz,
Deus não põe ninguém no mundo
Para ser tão infeliz.

Você é môgo, elegante,
Não é um tipo qualquer,
Tem muita saúde e fôrça,
Pode ser o que quiser,
Sob as graças de Jesus
O homem faz o que quer.

Tome, leve êste presente,
É um Nôvo Testamento,
Onde achará lenitivo
Para qualquer sofrimento,
Leia com fé, examine,
Medita todo momento.

Um dia se resolver,
Mudar de situação,
Trabalhar, viver honrado;
À sua disposição
Tem meu sangue, minha vida,
Meu amor, meu coração.

Nunca amei, nem fui amada,
Nunca quis, nem fui querida,
Porém na sua presença,
Agora, estou convencida
Que cada pessoa ama
Sômente uma vez na vida.

O môço emocionado
Ouvia aquela lição,
As palavras penetravam
Na sua compreensão,
Como pontas de punhais
Varando o seu coração.

Enquanto a môça falava,
Passava na mente dêle
Que tudo que ela dizia,
Acontecia com êle,
Tôdas aquelas palavras
Estavam gravadas nêle.

Abatido, envergonhado,
Falar mais não conseguiu.
Só lêz receber o livro,
Num gesto se despediu,
Apanhou sua maleta,
Pegou o trem e sumiu...

Rosita foi para a casa
Passou a noite sonhando,
No sonho via no trem
Celestino viajando,
Acordou pela manhã
Aborrecida, chorando.

E continuou assim,
Desanimada, tristonha,
Sem ter gôsto para nada,
"Aérea", como quem sonha,
Ou como quem se debate
Numa crise de vergonha.

Na cidade os comentários
Eram de tóda a maneira;
Diziam até que ela estava
Morrendo de "roedeira"
Por ser fã, apaixonada,
Do batedor de carteira.

Ela não dizia nada,
Não respondia a ninguém,
Passou a viver a vida
Como se sentia bem...
Vivendo só para si,
Para Deus e um alguém...

Assim Rosita vivia
No seu mundo de ilusões,
De saudades, esperanças,
De promessas, orações,
Sonhando com Celestino,
Num reino de ficções...

Enquanto Rosita passa
Por tamanho desatino,
Sem ouvir nenhum conselho.
Vamos seguir Celestino
Lutando para quebrar
As cadeias do destino.

Celestino agora passa
Pela maior quebradeira,
Parece desaprendido,
Não tem mais a mão maneira,
Tem medo de todo mundo,
Não pode bater carteira.

Quando vê uma bolsa cheia
Pensa ser uma serpente,
As palavras de Rosita
Passam pela sua mente,
Como faíscas queimando
O seu subconsciente.

Na sua alucinação,
Nas cidades que passava,
Sempre saía fugido
Dos hotéis que se hospedava
Porque não tinha dinheiro,
Assim não se demorava.

Passava dias inteiros
Lendo o Nôvo Testamento,
Vendo a vida de Jesus
Com todo o seu sofrimento,
Enquanto lia, Rosita
Passava em seu pensamento.

Quanto êle mais lia, mais
Tinha vontade de ler,
Porém o mêdo aumentava,
Não sabia o que fazer...
Não podia ver soldado
Que não quisesse correr.

Quando tentava roubar
Para arranjar alimento,
Por estar passando fome,
Via pelo pensamento
Rosita na sua frente
Com o Nôvo Testamento.

Dessa forma, há muitos dias,
Estava vivendo "têso",
Sem conseguir um tostão,
Estava mesmo de péso...
Foi bater uma carteira,
No mesmo instante foi prêso.

Recebeu muitos "conselhos",
Pelas mãos do carcereiro,
Passou "comendo" horracha
De dezembro a fevereiro,
Sofreu mais que um charuto
Nos dentes de um cachaceiro.

Quando saiu da prisão
Pensava no seu destino,
Na cadeia conheceu
Um assaltante assassino
Que vivia de matar
E roubar desde menino.

Dias depois se encontraram,
O assaltante ligeiro
Chamou Celestino para
Assaltarem um fazendeiro,
Matá-lo e depois fazer
A divisão do dinheiro.

Celestino respondeu:
— Deus me livre dessa vida,
Eu sou ladrão, é verdade,
Porém não sou homicida,
Se bato alguma carteira
Mas deixo o dono com vida.

Mesmo batendo carteira,
Estou muito arrependido
Porque "quem com ferro fere",
Também "com ferro é ferido",
Assim afirma Jesus,
Segundo o que tenho lido.

O assaltante lhe disse:
— Falando dessa maneira,
Lendo o Novo Testamento,
Você dá para ser freira,
Procure logo um convento,
Deixe de bater carteira.

Assim dizendo partiu,
Em busca do cais do porto,
Para fazer o assalto,
O seu plano saiu torto,
Levou três tiros no peito,
Já foi encontrado morto.

Celestino foi olhá-lo,
Lá pensou consigo assim:
— Um dêesses tiros, por certo,
Tocaria para mim,
Se eu tivesse aceito o convite,
Teria chegado o meu fim.

Mesmo assim continuou
Batendo carteira alheia,
Eram dois, três dias sôlto,
Quatro, cinco, na cadeia,
As mãos inchadas e o lombo
Não suportava mais peia.

Celestino refletia...
Com todo êsse sofrimento,
Não conseguia afastar
A môça do pensamento
E nem deixava de ler
O seu Nôvo Testamento.

Rosita todos os dias
Pedia a Deus que tocasse
À alma de Celestino
Que êle se regenerasse,
Para fazê-la feliz,
Ao mais depressa voltasse.

O tempo que não espera
Râpidamente passou,
Rosita cá esperando,
Celestino não mandou
Nenhuma notícia até
Que a outra festa chegou.

Era noite de Natal,
A festa do Deus-Menino,
Quando completava um ano
Que ela vira Celestino,
Aquêle môço bonito
Que lhe mudou o destino.

Depois da missa Rosita
Voltou à casa chorando,
Pensava ver Celestino,
Na sua vista passando,
Prêso à frente da polícia,
Todo amarrado, apanhando.

Todo o povo da cidade
Temia vendo ela aflita:
O que era que sofria
Aquelel mōça bonita?
Porém ninguém penetrava
No segredo de Rosita.

Ninguém se lembrava mais
Do batedor de carteira
Que, sem querer, acendeu
As brasas de uma lareira,
No coração de Rosita,
Que virou uma fogueira.

Enquanto Rosita sofre
A dor da sua paixão,
Naquele mesmo Natal,
Celestino em oração
Pede a Deus que lhe inspire
Para não ser mais ladrão.

Nisso teve um pensamento:
Se fôsse negociar?
Mas como arranjar dinheiro,
Se deixasse de roubar?
Sômente Deus poderia
O caminho lhe ensinar.

Estava numa cidade,
Nuna pensão barateira,
A festa era uma beleza,
Onde andou a noite inteira,
Mas não se achou com coragem
De bater uma carteira.

Só voltou para a pensão
 Quando viu o sol raiar,
 Não lhe saía da mente,
 A fé de negociar...
 Trajou-se na melhor roupa,
 Saiu para passar...

Logo na primeira esquina,
 Sentiu o corpo tremer...
 Numa casa de negócio,
 Seus olhos puderam ver
 Uma placa que dizia:
 Negócio para vender...

Seu coração apressado
 Estalou dentro do peito,
 Como querendo dizer:
 Anda depressa, sujeito,
 Enfrenta, cria coragem,
 O negócio será feito...

De lá o dono da casa
 Já estava a "namorá-lo",
 Celestino foi em frente,
 O homem veio abraçá-lo
 Dizendo: — Esta casa é sua,
 Foi um milagre encontrá-lo.

• Eu faço qualquer negócio,
 Se o senhor vem decidido,
 Vou receber uma herança
 De um tio meu, falecido,
 Se não chegar com três dias
 Estará tudo perdido.

Celestino respondeu:
 — Apesar de fazendeiro,
 Que sou, estou passeando
 E não conduzo dinheiro,
 Além das minhas despesas,
 Com medo de pistoleiro.

— Não tem nada, disse o homem,
Eu confio no senhor,
O senhor assina letras
Que têm o mesmo valor,
Depois serão descontadas,
Sem juro, a meu favor.

Se quiser, está fechado,
Aproveite a preferência,
Vamos logo a um cartório
Assinar a transferência,
Porque preciso; hoje mesmo,
Partir com toda a urgência.

Vinte mil contos em terras
Era o valor da herança,
O homem disse: — Rapaz,
Tenho toda a confiança,
Aguardo os seus pagamentos,
O banco faz a cobrança.

Celestino aceitou tudo,
Comprou por duzentos contos,
Assinou os documentos,
Acertou todos os pontos,
O homem levou as letras,
Com as datas dos descontos.

Foi tudo como num sonho,
Cheio de variedade,
Celestino com as chaves
Voltou à realidade,
Abriu a porta sem crê
Que aquilo fôsse verdade.

Quando foi entrando viu,
No estabelecimento,
Fazendas e miudezas,
Enchendo um compartimento,
Jóias e bijouterias,
Completando o sortimento.

Logo no dia seguinte,
Celestino começou,
Como não sabia nada
Do negócio que comprou,
O empregado mais prático
Da casa êle conservou.

Assim, seguiu dia a dia,
A freguesia chegando,
Fazendo muito negócio,
O movimento aumentando,
As letras aparecendo
Celestino as liquidando.

Até que, pagando a última,
O rapaz foi abraçado,
Os bancos lhe abriram as portas,
O dia foi festejado,
O antigo dono veio
Dá-lhe um abraço apertado.

Celestino conseguiu
Carteira de identidade,
Registro de nascimento,
Como filho da cidade,
E título de eleitor,
Ficou vivendo à vontade.

Porém tinha um pesadelo
Martelando o pensamento,
A imagem de Rosita
Não o deixava um momento,
Êle matava a saudade
Lendo o Nôvo Testamento.

Até que não suportando
O fogo que lhe queimava
À consciência porque
O Natal se aproximava,
Relembrando a cena que
Mais um ano completava...

Pelo pensamento, via
Aquele moço tão bela,
Sentia que não podia
Nunca ser feliz sem ela,
Resolveu ir até lá
Saber o destino dela.

Partiu deixando o negócio
Entregue ao seu empregado,
Chegou Noite de Natal,
O lugar estava animado,
A festa movimentada,
O templo superlotado.

Celestino passava
Vendo tudo diferente:
Como podia encontrar,
No meio de tanta gente,
Aquele moço que tinha
O seu retrato na mente?

Dois anos eram passados
Do encontro acontecido:
Se aquela moço estivesse
Casada, já com marido?
Estaria, para sempre,
Todo o seu sonho perdido.

A igreja iluminada,
Estava muito bonita,
Celestino entrou olhando
Para a moçoada catita,
Em toda moço ele via
O retrato de Rosita.

Depois de uma busca imensa,
Vi uma moço ajoelhada
Que, de mãos postas rezava,
De cabeça levantada,
Numa atitude sublime,
Frente ao altar concentrada.

Quando a môça levantou-se,
Com todo o seu esplendor,
Olhou para Celestino
Que a fitava com calor,
Quatro olhos se encontraram
Voando chispas de amor.

Celestino aproximou-se
Olhou Rosita de frente,
A môça também mirou-o,
Disse imediatamente:
— Se és quem estou pensando,
Onde está o meu presente?

Celestino já não tinha
Mais dúvida àquela altura,
Pôs a mão no bôlso e disse:
— Para cumprir minha jura,
Eis o Nôvo Testamento
Com a sua assinatura.

Sou o que você queria,
Honesto e trabalhador,
Desde que você pediu,
Só pensci no seu amor
Que me deu fôrça e coragem
Para vencer o temor.

Foi pela mão de Rosita
Celestino conduzido
Até à casa do pai,
Onde foi bem recebido,
Já como negociante,
O rapaz fêz o pedido.

O prefeito concordou,
O casório foi marcado,
Com oito dias depois.
Feliz foi realizado,
Na igreja e no civil,
O contrato foi selado.

Casados, o rapaz disse:
— Um milagre aconteceu,
Um batedor de carteira
Apaixonado morreu...
Porém um comerciante
Das cinzas dêle nasceu.

Foi o encontro que fêz,
No Natal do Salvador,
Uma môça apaixonada,
Um ladrão trabalhador,
Assim foi realizado
O milagre do amor.

Após partiu Celestino,
Levando a sua consorte,
Muito feliz porque tinha
Encontrado a luz da sorte,
Iluminando o seu tino,
Deus criou no seu destino
A fé que lhe fêz um forte.



Um livro obrigatório para tôdas as bibliotecas caseiras

QUITUTES DE DONA JÚLIA

Receitas as mais variadas! Sugestões econômicas! Quitutes, doces e salgados que todos adorarão! Receitas provadas por hábeis e inteligentes donas de casa!



Peça a seu vendedor ou à EDITORA PRELÚDIO LTDA.
Rua Visconde de Parnaíba, 3042/50 — SÃO PAULO-6

O mundo moderno não admite "gafes" de etiqueta!

Atualize-se com o

Manual de boas maneiras

Mestre eficiente de normas para um comportamento exemplar em qualquer oportunidade.



Peça a seu vendedor ou à EDITORA PRELÚDIO LTDA.
Rua Visconde de Parnaíba, 3042/50 — SÃO PAULO-6

**VOCÊ SABE PROCURAR
A POLÍCIA EM SEUS INÚMEROS
SETORES,
PRINCIPALMENTE COM RESPEITO À NATUREZA E
O LOCAL DA OCORRÊNCIA?**



VOCÊ SABE PROCURAR O SERVIÇO MÉDICO GRATUITO (PRONTO SOCORRO), SOBRETUDO EM SE TRATANDO DA NATUREZA DO EVENTO?

VOCÊ POSSUI, EM SUA RESIDÊNCIA, OS ENDEREÇOS E TELEFONES DE MAIOR EMERGÊNCIA?



VOCÊ SABE TRATAR DE SEUS DOCUMENTOS, INCLUSIVE AQUELES QUE SÃO EXPEDIDOS PELA POLICIA, SEM TER DESPESAS COM INTERMEDIARIOS? VOCÊ SABE PREVENIR-SE CONTRA AS ARTIMANHAS DOS MALANDROS ESTELIONATARIOS?

VIVA COM MAIS SEGURANÇA SENDO BEM INFORMADO. TENDO SEMPRE À MÃO O

MANUAL PRÁTICO

SOCIAL — MÉDICO — POLICIAL

A venda em tôdas as livrarias, ou diretamente na
 EDITORA PRELUDIO LTDA. - R. Ipanema, 772 - Fones: 92-7613 e 93-1374 - São Paulo-6
 No centro da cidade de São Paulo; — Distribuidora Lamana, à Rua do Seminário, 177

Venda
 Estação D. Pedro II
 Loja N.º 4 - Guanabara